

PATRIMÔNIO E LEITURA 2

CATÁLOGO COMENTADO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL



PATRIMÔNIO E LEITURA 2

CATÁLOGO COMENTADO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Luiz Inácio Lula da Silva

MINÍSTRO DA CULTURA

João Luiz Silva Ferreira

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN

PRESIDENTE

Luiz Fernando de Almeida

COORDENADORA-GERAL DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA

Lia Motta

GERENTE DE PESQUISA E REFERÊNCIA/ COPEDOC

Márcia Chuva

PARCERIA - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF

COORDENADORA DO PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO E LEITURA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Cecília Maria Aldigueri Goulart

COORDENADORA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA INFANTO-JUVENIL DO INSTITUTO DE LETRAS

Sonia Monnerat Barbosa

Elaborado por Biblioteca Noronha Santos/IPHAN

P314

Patrimônio e leitura : catálogo comentado de literatura infanto-juvenil 2/ [coord. Maria Beatriz Rezende]. – Rio de Janeiro: IPHAN/Copedoc, 2009. 48 p.: il. (algumas color); 22cm.

ISBN 978-85-7334-113-3

Índice de autores e ilustradores

1. Patrimônio cultural. 2. Literatura infanto-juvenil. 3. Livros e leitura. I. Rezende, Maria Beatriz. II. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Coordenação Geral de Pesquisa, Documentação e Referência.

IPHAN/RJ

CDD – 363.69018

PATRIMÔNIO E LEITURA 2

CATÁLOGO COMENTADO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL

COORDENAÇÃO GERAL

Maria Beatriz Rezende

COPEDOC - IPHAN

2009

PATRIMÔNIO E LEITURA

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN

COORDENAÇÃO-GERAL DE PESQUISA DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA - COPEDOC

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Maria Beatriz Rezende

SELEÇÃO DE OBRAS SUGERIDAS PELO PROALE/UFF

Adalgiza Maria Bonfim d'Eça (museóloga)
Analucia Thompson (historiadora)
Beatriz Adams Landau (arquiteta)
Bettina Zellner Grieco (arquiteta)
Catarina Eleonora Ferreira da Silva (arqueóloga)
Claudia Feierabend Baeta Leal (bacharel em letras)
Hilário Pereira Filho (historiador)
Juliana Sorgine (historiadora)
Luciano dos Santos Teixeira (historiador)
Maria Beatriz Rezende (arquiteta)
Maria José Silveira Soares (historiadora)
Oswaldo Ulhoa Tenorio Filho (programador visual)
Renata de Sá Gonçalves (antropóloga)
Tatiana Paes (bacharel em Letras)

RESENHAS

Maria Beatriz Rezende

TEXTOS INFORMATIVOS

Luciano dos Santos Teixeira

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Bettina Zellner Grieco

PROJETO GRÁFICO

Bettina Zellner Grieco e Willians Fausto Silva (Copedoc/IPHAN)

DIAGRAMAÇÃO

Bettina Zellner Grieco

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF

PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO E LEITURA - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA INFANTO-JUVENIL - INSTITUTO DE LETRAS

PRÉ-SELEÇÃO E EMPRÉSTIMO AO IPHAN DE OBRAS DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Eleonora Cretton Abílio (Proale/Feuff)
Margareth Mattos (Proale/Feuff)

ORIENTAÇÃO TÉCNICA, AVALIAÇÃO E REVISÃO DAS RESENHAS

Margareth Mattos (Proale/Feuff)



SUMÁRIO

Apresentação	7
Debret.....	9
Versos para um Rio Antigo.....	12
Coleção Meninos e Meninas	14
Reinações de José Mindlin.....	19
Índez.....	22
Amazonas.....	24
Minhas rimas de cordel.....	27
Lampião e Lancelote.....	29
Histórias tecidas em seda.....	32
Um apólogo.....	36
O Congo vem aí.....	39
As cocadas.....	41
Índice de autores e ilustradores	43
Índice de ilustrações	47

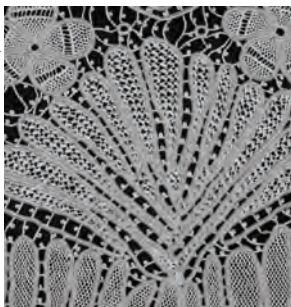
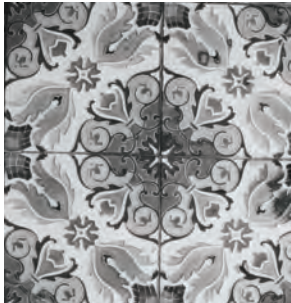


Este é o segundo número do Catálogo Patrimônio e Leitura, que integra as iniciativas da Coordenação Geral de Pesquisa, Documentação e Referência (Copedoc), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF), através do Programa de Alfabetização e Leitura (PROALE) da Faculdade de Educação e do Curso de Especialização em Literatura Infanto-Juvenil do Instituto de Letras, para a elaboração de instrumentos de referência de cunho educativo e promocional sobre o Patrimônio Cultural. O objetivo do Catálogo é apoiar o trabalho dos professores da Educação Básica voltado para a formação de leitores-cidadãos.

No campo da Educação, a produção literária destinada a jovens e crianças parece possibilitar um tipo de escrita que permite tocar no que é básico e estruturante do conhecimento sobre o mundo, não sendo necessariamente infantil. A formação de leitores é um dos temas mais polarizadores da Educação, sendo a produção de livros para o público infantil e jovem objeto de muitos estudos e propostas de ensino, além de responsável por uma fatia considerável do mercado editorial brasileiro.

Com este segundo número, pretende-se ampliar a interlocução entre o IPHAN e as instituições de ensino para que seja possível criar mais um caminho de produção da memória, por meio da atividade de leitura.

O Catálogo Comentado de Literatura Infanto-Juvenil – Patrimônio e Leitura visa instigar o interesse dos



alunos pelo tema Patrimônio no seu processo normal de aprendizado. Nesse sentido, mais do que pensar “a didática adequada” ao tema do Patrimônio Cultural, ele propõe encontrar ou pôr à mostra temas como memória, identidade, história, modos de fazer e criar, saberes tradicionais etc., nas obras de literatura que já circulam nos espaços educacionais formadores de leitores, como alternativa à produção de cartilhas didáticas pelo IPHAN.

As obras selecionadas no Catálogo são em sua maioria clássicos da Literatura Infanto-juvenil ou textos de qualidade indicados pelo PROALE, que integra o júri da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, e que tem como objetivo principal desenvolver ações voltadas para a formação continuada de professores, especialmente nas áreas de leitura, escrita e literatura. Assim, a seleção dos livros visa auxiliar o professor em sala de aula a introduzir os temas de patrimônio toda vez que um dos livros que integra o Catálogo fizer parte do programa de leitura das escolas. Desse modo, o Catálogo não pretende ser um programa de leitura em si, e sim uma porta de entrada para que seus leitores – professores e alunos – se apropriem dos temas do patrimônio cultural.

Longe de reduzir os sentidos que cada obra encerra, uma vez que a literatura não permite uma, mas múltiplas leituras, este segundo número apresenta obras que vão desde narrativas memorialistas, histórico-ficcionais e de aventura a poesia. As resenhas procuram demonstrar a presença de temas como a cultura popular, a memória como construção individual e coletiva, a oralidade como transmissão do saber, a iconografia como forma de registro documental, tendo por objetivo legitimar outras formas de ver o Patrimônio, elaboradas fora da esfera técnica institucional.

As resenhas são acompanhadas de breves textos informativos que procuram oferecer alguns dados sobre o universo dos trabalhos de preservação. As ilustrações são oriundas da pesquisa iconográfica feita nos arquivos institucionais, com o objetivo de disponibilizar imagens, em geral, só consultada por técnicos da instituição e pesquisadores especializados.

A produção literária é um rico manancial de registros de modos de vida, manifestações culturais, espaços construídos, concepções de mundo através dos tempos. A ideia do Projeto Patrimônio e Leitura é possibilitar a conversa entre essa produção e o campo do Patrimônio, com o foco na produção literária dirigida a jovens e crianças.



DEBRET VIAGEM HISTÓRICA E QUADRINHOSA AO BRASIL

Autor: Spacca

Ilustrações: Spacca

Editora: Companhia das Letras

Ano: 2006

O livro narra o episódio da Missão Artística Francesa no Brasil, cujos artistas vinham em busca de trabalho, tendo a intenção de criar um projeto de ensino das artes para o país, que, com a presença de D. João VI, passara de Vice-Reino a Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

O propósito desta obra é narrar a história do Brasil a partir da apresentação dos personagens por meio da linguagem dos quadrinhos. Ou seja, com base nos retratos de época e dados biográficos dos personagens históricos retratados, o autor pôde criar caricaturas que realçam a personalidade de cada um, seu modo de agir e de se comportar. Dessa forma, os dados históricos subjazem às aventuras e conflitos vividos pelos protagonistas.

Por outro lado, os quadrinhos permitem a ambientação das cenas, fornecendo muitos dados sobre os espaços, o vestuário, os transportes, o cotidiano da ci-



Praca XV, Rio de Janeiro.

ICONOGRAFIA

Iconografia, de maneira ampla, pode significar tanto o estudo das imagens e formas quanto o conjunto de imagens utilizadas para determinados fins – uma publicação, uma exposição etc. Essas imagens podem ser de variados tipos: fotografias, pinturas, gravuras, selos, filmes, desenhos, mapas cartográficos, entre outros. Tão importante quanto a variedade de tipos, é a diversidade de usos que podem ser feitos a partir dessas imagens. Como registro documental, constitui uma fonte importantíssima para o estudo da história e da sociedade. Fornece elementos muitas vezes indispensáveis para se compreender diferentes aspectos da vida social e cultural, desde costumes até o vestuário, à relação com a natureza, com a paisagem, bem como as atitudes diante dos inúmeros fenômenos da vida (a infância, a relação entre os gêneros, a sexuali-

dade, a sociedade etc., dispensando as descrições e apresentando os personagens históricos em situações de trabalho, viagem, lazer. Os personagens circulam pela cidade, sentem raiva, alegria, angústia, enfim, humanizam-se aos olhos do leitor. É possível, por exemplo, sentir a ousadia dos viajantes, compreender o que os movia e, por assim dizer, aquilo de que foi e é feita a nossa história.

O que também facilita a apreensão do conteúdo histórico da narrativa é que vários aspectos desse período relacionam-se entre si a partir do que representaram para esse grupo de personagens, como as consequências da ocupação napoleônica, a vida da Corte no Brasil, a história da pintura no Brasil. O projeto dos viajantes envolvendo o ensino da arte, por exemplo, é tratado não apenas como índice de sofisticação ou refinamento artístico, mas é ligado a ofícios mecânicos e à ideia de desenvolvimento da Colônia. São informações que, além de se articularem com o conhecimento sobre o período histórico em questão, estão atualizadas de acordo com as mais recentes versões e interpretações dos historiadores.

Está também presente, seja em desenhos ou diálogos, a ideia da representação – a linguagem dos quadrinhos já induz a isso: a compreensão de que o real não é absoluto, mas fruto de uma infinita gama de repre-

dade, as diferenças de classe, as manifestações políticas). Elementos que as tradicionais fontes escritas são muitas vezes incapazes de dar conta.

Porém, mais do que apenas apresentar dados da vida real, sempre passíveis de interpretação e sujeitos a serem confrontados com outras fontes, as imagens constituem, elas mesmas, uma forma de linguagem, capaz de criar narrativas de acordo com a agenda de quem as articula ou produz, de maneira consciente ou não. Daí, a importância de se analisar cuidadosamente não somente a iconografia de uma época, mas também quem a produziu. Viajantes europeus do século XIX, por exemplo, como os franceses Jean-Baptiste Debret ou Nicolas-Antoine Taunay, ao pintarem quadros da natureza brasileira, não eram simplesmente observadores imparciais, mas pessoas propensas a exagerar ou omitir certos aspectos da realidade que procuravam retratar, seja por alguma motivação pessoal ou simples preconceito a respeito de um lugar que pouco conheciam. O que em nada os diminui enquanto testemunhas fundamentais para se compreender o Brasil daquele período, mas apenas demonstra o quanto as imagens são ricas de significados e podem se prestar a outros usos, não raro distintos daqueles imaginados por quem as produziu.

No campo da preservação do patrimônio cultural, as imagens têm sido fundamentais como subsídio aos trabalhos de preservação, tanto auxiliando na gestão do patrimônio através de fotografias, desenhos, mapas e plantas, quanto na recuperação de testemunhos e vestígios da feição de prédios ou de configurações urbanas anteriores que possam orientar as ações para a preservação desses bens.



Rua 7 de Setembro, Rio de Janeiro

sentações. E como a pintura perpassa todo o texto, pois são artistas que, entre outros afazeres, vêm registrar e documentar o novo território e suas paisagens, a nova sociedade e seus costumes, é a própria pintura, nesse caso, a representação por excelência. Essa ideia complexa é logo introduzida de forma poética e metafórica no destaque que autor dá à primeira visão (percepção, apreensão) que os pintores viajantes tiveram da nova terra: ao descortinar o perfil das montanhas do Rio de Janeiro, “viram” um gigante! Esse gigante pode ser visto até hoje. É símbolo da cidade, mas também do país, cujas dimensões territoriais lhe conferiram esse apelido.

Trata-se, assim, de uma obra de grande apelo à leitura, que traz um nível de informação de muito interesse, fala de memória e representação, tornando o aprendizado de parte da história do Brasil um convite ao leitor para saber mais sobre o assunto.

Além disso, apresenta como introdução um texto informativo que ambienta a narrativa ficcional. Ao final, o leitor encontra uma breve cronologia dos fatos históricos e a galeria de obras de arte consultadas para a confecção do livro, com legendas e outros dados que complementam a narrativa. Por último, é apresentado o modo de confecção dos desenhos, que esclarece como são captados os traços de personalidade e as características físicas dos personagens.



VERSOS PARA UM RIO ANTIGO

Autor: Henrique Rodrigues
Ilustrações: Camila Perlingeiro
Editora: Pinakotheke
Ano: 2007

O livro escrito em versos promove um percurso pelas paisagens do Rio Antigo por meio da iconografia histórica do século XIX. Com uma linguagem poética despojada e simples, o texto apresenta as imagens, convidando o leitor a uma observação cuidadosa das paisagens, como se o auxiliasse a olhá-las – a “ver” tudo o que elas podem informar ou representar.

Sem dar nenhuma explicação sobre o conceito de representação, neste caso por meio da arte da pintura, o texto vai devagarzinho criando o aprendizado do olhar. Utiliza o grifo em algumas palavras destacando as localidades e os temas das paisagens e aproxima o leitor do trabalho do artista: “E, muito atento, o artista pintou também a Lagoa/ Repare-se de que maneira pintou-se a vegetação/ Não parece que a menina encosta o dedo no mar?”

Dessa forma, deixa o leitor ciente das escolhas que um pintor faz para representar uma paisagem, numa analogia às escolhas que nós mesmos fazemos do que

PAISAGEM CULTURAL

Oriunda da Geografia, a noção de paisagem cultural passou a ser utilizada oficial e amplamente pela UNESCO em 1992, no contexto de mudanças maiores na valorização do desenvolvimento sustentável e de outras estratégias de integração entre o homem e a natureza. Definida usualmente como toda paisagem alterada pelo homem, essa noção foi transportada para o campo da preservação do patrimônio cultural, no qual tem sido empregada de maneira mais específica, buscando relacionar e integrar diversos aspectos do patrimônio cultural que historicamente foram trabalhados separadamente: patrimônio cultural e natural, material e imaterial. As paisagens culturais podem ser vistas como combinações de ações humanas e naturais, que se refletem em cenários territorialmente delimitados, representações materiais da memória coletiva. No Brasil, o tema tem despertado interesse mais recentemente, mobilizando discussões e ações de preservação diversas, entre elas a candidatura da paisagem cultural da cidade do Rio de Janeiro e das paisagens culturais da imigração no sul do Brasil ao patrimônio mundial.



Lagoa Rodrigo de Freitas (RJ). Arquivo Central do IPHAN/RJ

queremos ver, de como a interpretação do real está presente em qualquer forma de conhecimento, em qualquer tipo de registro, seja pintura, fotografia, documentos – são versões do real que informam sobre a sociedade, seus costumes e concepções de mundo.

Ao apresentar o Rio do século XIX por meio de paisagens, o autor estimula o leitor a reconhecê-las nas paisagens atuais que conhecemos – o passeio pela memória de um lugar informa e enriquece a nossa percepção do presente.

Por outro lado, quando se trata de ambientes naturais, o texto, com muita simplicidade, passa a idéia de paisagem como algo que se refere ao universo cultural, ou seja; retratadas numa pintura, fotografia ou apenas fazendo parte do ambiente que nos cerca, as paisagens importam pelo modo como nos apropriamos delas. Mesmo que esse modo seja contemplativo, no caso de ambientes naturais onde não se vê a ação humana, as paisagens são sempre um bem cultural.

A intenção do registro ou de documentar uma época por meio da arte da pintura é também indicada pelo texto em vários momentos: sem asfalto e pouca gente, não é como temos visto; misturam-se pelas ruas pedestres e carruagens, escravos e vendedores postos em cena.

O projeto gráfico colabora com a leveza das imagens e torna a leitura atraente ao utilizar muitas tonalidades de cor, numa referência à arte de pintar, mas sempre com o cuidado de realçar as iconografias clássicas desse período, cujos autores, dados descritivos e datas aparecem ao final do livro. É uma obra que instiga o interesse pela iconografia antiga e pela arte da pintura como representação do mundo em qualquer tempo e, por isso mesmo, um rico suporte da memória.





COLEÇÃO MENINOS E MENINAS DO BRASIL

Autor: Maria José Silveira

Ilustrações: Angelo Abu

Editora: Formato Editorial

Ano: 2003; 2004; 2005

A coleção é uma obra de narrativa ficcional associada a uma proposta informativa. Ela reúne cinco títulos que contemplam cinco períodos históricos diferentes do Brasil: o descobrimento, a época dos bandeirantes, o ciclo do ouro, a Independência e a República.

Em todos os livros são utilizados pares de protagonistas crianças, que vivenciam algum conflito ambientado e relacionado ao período histórico tratado em cada livro.

O texto ficcional informa o contexto histórico das histórias narradas sem lhes tirar o sabor da ficção. São informações fidedignas sobre costumes, paisagens, modos de morar e viver passadas a partir da trama e do caráter dos personagens e perfeitamente integradas ao ritmo da narrativa. É importante ressaltar que os dados históricos apresentados estão de acordo com as versões mais atualizadas e revistas da história do Brasil, possibilitando uma série de conexões entre os fatos, que em geral são tratados de forma estanque em textos didáticos.



Assim, a aventura do menino europeu Jã-Jã em terras brasileiras na companhia da índia Tendy, no livro *Tendy e Jã-jã e os dois mundos na época do descobrimento*, foge ao estereótipo, pois coloca o menino como o estrangeiro e não o colonizador, permitindo que o confronto entre duas culturas possa ser narrado de igual para igual e ganhe os contornos de um aprendizado mútuo, sem maniqueísmos ou infantilização das duas partes. Dá bem a ideia de como tudo começou, induz a dimensionarmos a profundidade dos conflitos e as dificuldades que se seguiriam, mas também a imaginarmos que a sociedade sempre pode escolher ser diferente – a postura infantil é implacavelmente questionadora do mundo naturalizado dos adultos.



No segundo livro – *Iamê e Manuel Diogo nos campos de Piratininga na época dos bandeirantes* – a narrativa se ocupa em retratar o espírito desbravador e ambicioso dos paulistas por meio do cotidiano da vida de privações quando as vilas mal existiam, e tudo precisava ser plantado, colhido, construído. Nesse contexto, as crianças são herdeiras das histórias de seus pais que exemplificam como vai se formando a sociedade incipiente – o confronto e a miscigenação com os índios (“lado triste de índia”), os casamentos entre portugueses para povoar e cristianizar a nova terra, a condição cerceada da mulher, o imaginário da busca por grandes riquezas metaforizado na aventura das crianças em torno do achado de um velho baú, supostamente cheio de preciosidades e que traz perigo real, como qualquer corrida pelo ouro.



Em *Ana Preciosa e Manuelim e o roubo das moedas na época do ciclo do ouro*, dá-se o mesmo em relação à construção dos personagens, pois a origem dos pais das crianças também ajuda a contextualizar os vários lados da história de formação da sociedade brasileira, apresentando as condições da chegada dos negros africanos e dos colonizadores portugueses. A amizade das crianças, que ultrapassa os limites entre grupos tão diferentes, põe em confronto a fragilidade de uns contra o poder de outros. Como a história se passa já na cidade instituída, a narrativa descreve os modos de morar, de viver, passeia pelo casario, pela arte dos monumentos, conseguindo associar temas como os tropeiros (sua chegada é vivida como acontecimento de grande importância na vida das cidades) com a atividade da mineração, o comércio e a escravidão, tornando claro e palpável o processo de formação das primeiras cidades brasileiras.

No quarto livro – *Brasília e João Dimas e a Santa do caldeirão na época da Independência* – há mais fatos



Ouro Preto (MG). Arquivo Central do IPHAN/RJ

HISTÓRIA E PATRIMÔNIO

A História, como disciplina, e o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional sempre caminharam de mãos dadas, não apenas no termo “histórico”, mas na forma de se interpretar o Brasil. Com a fundação do IPHAN e o consequente surgimento das primeiras políticas do patrimônio no Brasil em 1937, predominou uma concepção de História que privilegiava os fatos “memoráveis”, as personalidades consideradas mais importantes, as datas comemorativas. Essa visão se refletiu na escolha dos bens que foram inscritos nos Livros de Tombo do IPHAN. O Palácio Imperial, a Casa de Rui Barbosa, o solar D. João VI são alguns exemplos desses bens tombados, privilegiando os “fatos históricos memoráveis”, considerados de relevância nacional. Desde então, porém, surgiram novas concepções de História voltadas para o estudo dos processos históricos, para

históricos a narrar e são utilizados personagens idosos, que simbolizam o acúmulo de conhecimento, para apresentados a reboque da aventura vivida pelas crianças. Muitos temas como a religiosidade, a arte, a escravidão, o preconceito de classes são mostrados por meio das descobertas que os protagonistas fazem, uma após a outra, promovendo a idéia de que conhecimento é um fio condutor que vai revelando aos poucos a conexão entre fatos passados e comportamentos sociais presentes. Especial atenção é dada ao tema da escravidão, em geral muito estigmatizado pelo ambiente rural – casa grande, senzalas, feitores, negros aprisionados –, apresentando outras formas e nuances na relação entre senhor e escravo que acontece no ambiente urbano, como são os escravos de ganho. Dessa forma amplia-se a percepção e a compreensão dos desdobramentos da escravidão na formação da sociedade brasileira de hoje.

Finalmente, em *Floriana e Zé Aníbal no rio do “Bota-Abaixo” na época da República*, a narrativa se ocupa em descrever o processo de modernização da cidade, no caso, o Rio de Janeiro marcado pelas transformações sociais pós-abolição e proclamação da República, demonstrando que esse desejo de modernização é paradoxalmente acompanhado da manutenção de profundas desigualdades sociais. Mais uma vez o par de protagonistas torna-se um recurso para confrontar os lados forte e fraco da sociedade que se estabelece; entretanto a narrativa é construída numa atmosfera doméstica em



Recife (PE). Reprodução. Arquivo Central do Iphan/RJ

a estrutura e a dinâmica da sociedade e de seus diversos grupos formadores. Passouse a valorizar também os diversos aspectos da vida cotidiana – família, relações de gênero, festas, rituais religiosos – que antes eram negligenciados por nossa História oficial. Essas mudanças na concepção de história afetaram a maneira pela qual se define o patrimônio cultural brasileiro: outras categorias de bens culturais começaram a ser valorizadas, tais como os terreiros de candomblé, quilombos, manuscritos, entre outras categorias, expressando valores diferentes dos que informaram os primeiros tombamentos. Possibilitouse, assim, um enriquecimento de nossa percepção dos múltiplos matizes que compõe a memória nacional.

que valores como amizade, respeito, tolerância e solidariedade avançam sobre as questões da cidade, sugerindo ao leitor que o sentido político e o compromisso social (ou o descaso) sempre são revelados nas tomadas de decisão tanto individuais quanto coletivas.

Em todos os cinco livros, os personagens anônimos da nossa história ganham humanidade e ajudam o leitor a conhecer melhor o que então se passava. A perspectiva infantil, por outro lado, permite que o sentido dos fatos históricos seja apreendido não por meio de explicações, mas através da repercussão e dos desdobramentos que esses fatos têm na vida cotidiana dos protagonistas. Em cada livro encontramos a criatividade e a percepção próprias das crianças, utilizadas como recurso para o aprendizado ou a absorção de um nível significativo de informações históricas.

O projeto gráfico é muito bem cuidado, tanto do ponto de vista da seleção de imagens quanto da programação visual. São muito ricas as ilustrações de época (reproduções de telas, gravuras, fotografias, cartografia), tornando acessíveis aos leitores iconografias clássicas da história do Brasil. As legendas fornecem breves explicações sobre utensílios, mobiliário, paisagens, costumes etc. As ilustrações criadas por Ângelo Abu se entrosam com as imagens iconográficas, e acompanham mais de perto a vivência das crianças, reforçando, por sua vez, o intercâmbio entre a ficção e o contexto histórico das narrativas.



REINAÇÕES DE JOSÉ MINDLIN POR ELE MESMO

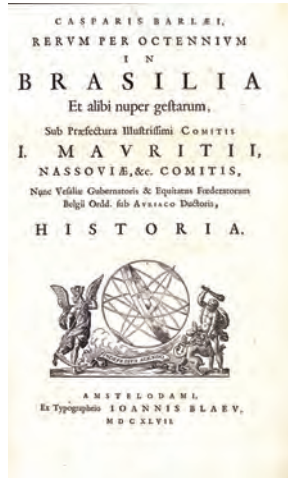
Autor: José Mindlin
Ilustrações: Luise Weiss
Editora: Ática
Ano: 2008

A obra é narrada em primeira pessoa. Trata-se de uma autobiografia construída a partir da perspectiva adulta que traz à tona lembranças do período de infância. Essa mediação faz com que o autor-narrador possa apresentar a sua visão de menino e ao mesmo tempo tecer considerações sobre ela. Como se trata de uma personalidade conhecida – o bibliófilo José Mindlin – esse recurso torna ainda mais atraente a narrativa, pois o autor-narrador surpreende por não se ocupar da sua vida pública de adulto. Ele fala apenas sobre as coisas de sua meninice, comuns a qualquer pessoa.

As informações históricas sobre fatos, hábitos e costumes de uma época passada – início do século XX, em São Paulo – são apresentadas a partir da visão infantil que o protagonista tinha delas. Assim, o leitor é estimulado a reconhecer, por meio dos relatos e emoções narradas, as suas próprias reminiscências.

LIVRO

O livro não é apenas o suporte da escrita e, por conseguinte, o suporte de toda a tradição trazida por essa expressão cultural. O livro é também um objeto de culto moderno, um documento/monumento da cultura, um bem patrimonial, sede de múltiplas práticas de leitura. Produto direto da invenção da escrita, assumindo as mais variadas formas – papiro, pergaminho, tábua de pedra, livro virtual –, ganhou muitas vezes o status de objeto sagrado, especialmente nas chamadas “religiões do livro”, que entronizaram um livro como o livro – a Bíblia, o Alcorão, o Torah – fontes sagradas de todo o conhecimento, árvores do saber divino. Como objeto do patrimônio, é alvo das práticas de conservação e restauração, ações de preservação que frequentemente se concentram no objeto livro tomado isoladamente, deixando-se de lado a riqueza dos acervos que os reúnem: as bibliotecas, esses verdadeiros centros da memória social. Questionado como suporte de memória, por sua materialidade, em plena era do virtual, condenado por muitos ao desaparecimento, o livro permanece ainda com seu encanto, fonte perene de desejos, sonhos e concretiza-



Capas de obras raras



Torah. Arquivo Central do IPHAN/RJ

O interessante nesse modo de narrar é a possibilidade de uma grande ênfase ao processo de construção da memória individual, ou seja, ao mesmo tempo em que o autor diz: “não vale inventar lembranças”, também diz que “De parte da lembrança, tenho uma imagem bem clara que provavelmente foi reforçada pelo que me contaram”, referindo-se ao fato de que a memória é construída por fragmentos, por relatos de acontecimentos e reminiscências que se sobrepõem ao longo do tempo, se entrecruzam, reforçando algumas coisas, e deixando outras de lado. Em alguns momentos, ele convida o leitor a perguntar a seus pais como as coisas se passaram, solicitando-lhes auxílio para a recuperação da própria memória. Essa estratégia é um modo de demonstrar que o nosso olhar para o passado desenca-

BIBLIOFILIA

A bibliofilia, a paixão pelos livros, ultrapassa a simples curiosidade por obras raras e edições bem cuidadas. Envolve também a paixão por colecionar tudo o que se relaciona a esses objetos - autógrafos, dedicatórias, marcadores, *ex-libris* -, signos da trajetória de pertencimento (individual e coletivo) e na apropriação desses objetos, dando a conhecer o contexto de produção das obras. Os bibliófilos, em sua febre pelos livros, costumam construir ricas bibliotecas, que contribuem na preservação desses acervos do conhecimento



Arquivo Nacional

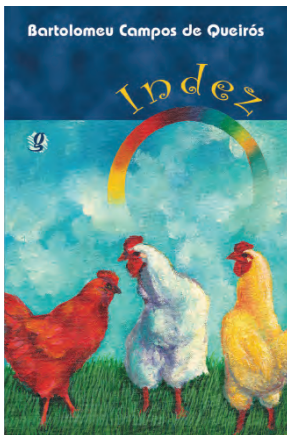
BIBLIOTECAS DO IPHAN

Instituição construída para a preservação da memória nacional, o IPHAN, desde sua criação, preocupou-se com a organização dos seus acervos bibliográficos, a partir da Biblioteca Noronha Santos, no Rio de Janeiro, voltada para temas relativos à história do Brasil e à história da arte, e para questões específicas relacionadas à preservação do patrimônio cultural. Atualmente, em todo o Brasil, o IPHAN possui bibliotecas que procuram atender às demandas locais do público interno e externo. Em seu conjunto, a rede de bibliotecas da instituição constitui o mais amplo acervo sobre preservação do país.

deia um movimento seletivo, uma escolha sobre o que queremos lembrar, o que decidimos esquecer e por fim o que desejamos ser.

A ilustração de Luise Weiss se articula com o texto, reforçando a ideia da memória como recriação, pois se utiliza de documentos e fotografias de época e da vida particular do autor, inserindo neles pinceladas coloridas e novos desenhos, o que faz com que as ilustrações ganhem vida pelo olhar do presente. Pode-se dizer que o mesmo acontece com a memória: ela pertence ao presente e, por isso, constrói o passado.

Ao final, o texto informativo sobre a biografia do autor mantém uma linguagem simples e ainda afetiva para contar a vida de José Mindlin a partir do gosto e do prazer que o protagonista sempre sentiu ao seguir seu caminho e vocação – o amor pelos livros.

**INDEZ****Autor:** Bartolomeu Queirós**Editora:** Global**Ano:** 2004

O livro é escrito numa prosa poética original e cuidada, que prende a atenção do leitor, sem nenhum apoio de ilustração (com exceção da que se encontra na capa). A maestria em apresentar situações do cotidiano ou descrições de ambientes, paisagens e costumes carregados de sentidos faz com que os leitores se reconheçam na narrativa, mesmo aqueles que jamais experimentaram as vivências nela descritas.

Sem definir tempo e lugar, trata-se de uma história narrada por meio da memória individual do protagonista sobre sua infância ambientada no interior, do nascimento aos oito anos de idade. O ponto de vista do protagonista, que olha para trás a partir da perspectiva adulta, apresenta os acontecimentos e seus desdobramentos, revelando o processo interior de crescimento do menino. Com esse recurso, o autor faz reverberar as situações, a princípio tão particulares, para qualquer outra família em outro tempo e lugar, pois são os vínculos afetivos entre as pessoas, entre elas e as coisas, entre a natureza circundante e a vida que vai passando, razões pelas quais tudo é dito ou descrito – “A casa pertencia à paisagem ... recebendo recados da vida pela natureza”.

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

Segundo Walter Benjamin, a brincadeira estaria na origem de todos os hábitos, asentada na “lei universal da repetição”. Mesmo os gestos aparentemente mais rotineiros e sisudos dos adultos trariam a marca menos visível da alegria infantil. Os brinquedos, por sua vez, teriam sua origem na intervenção do mundo adulto no universo infantil: dando “de presente” os brinquedos às crianças, os adultos lhes impõem seus objetos de culto que serão, por seu lado, reapropriados pelas crianças, como no exemplo daquela simples caixa de papelão que se transforma nos mais fantásticos veículos (automóveis, aviões, etc.). Essa negociação, esse diálogo oculto entre signos, entre universos culturais diversos, seria a moldura definidora das brincadeiras e dos brinquedos, a causa secreta do permanente fascínio que exercem sobre adultos-crianças de todas as épocas e de todas as idades. Um baú empoeirado, uma velha caixa de brinquedos esquecida no armário, trazem-nos não somente as saudades de uma outra época, mas igualmente contribuem para forjar nossa identidade pessoal e coletiva. Mais que apenas suportes de memória, servem-nos como índices do inventário caudaloso da sociedade, repertório assistemático de tradições, gestos e expressões culturais diversas.



CNFCP/IFHAN

A narrativa memorialística trata de temas como os modos de brincar e, nesse caso, demonstra que a brincadeira faz o brinquedo e não o contrário. Também apresenta os modos de falar, de morar – os espaços da casa, assim como o mobiliário, roupa de cama e mesa, decoração –, as crendices, o trabalho na lavoura/horta/ pomar, os bichos, as tarefas domésticas, as comidas, os recursos medicinais tradicionais, os festejos, as celebrações, enfim, tudo isso é conhecido pelo leitor a partir dos significados que assume na vida familiar – um universo inesgotável de possibilidades de afeto, a despeito do que conhecemos como privações, dores ou perdas.

Assim, o livro dá a conhecer uma série de manifestações culturais associadas ao seu sentido afetivo que permite ao leitor delas se apropriar a partir de suas próprias vivências.

Faz também um elogio à infância como “lugar” de aprendizado, formação – período fundante da personalidade.

O sentido do título “Indez” é explicado numa passagem do livro. Indez é como se denomina o ovo que deve ser deixado no ninho para que a galinha possa voltar a colocar mais ovos. Essa é uma idéia que metaforiza o sentido da preservação: guardar significa poder lembrar (de onde viemos, quem somos, o que fizemos etc.) para poder dar continuidade à vida.



AMAZONAS

Autor: Thiago de Mello

Ilustrações: Família Dumont

Editora: Salamandra

Ano: 1998

O livro apresenta o universo da floresta amazônica numa linguagem que associa prosa poética e informação. Descreve os elementos da natureza a partir da percepção ou apropriação que o homem faz deles, ou seja, trata da natureza do ponto de vista cultural, com dados históricos, geográficos, científicos e principalmente simbólicos e afetivos. Não se trata de um livro sobre o meio ambiente, mas sobre a “cultura da floresta”.

Com essa perspectiva, as lendas, crendices, causos têm igual ou maior valor para a compreensão do universo da floresta que os dados de caráter mais científico sobre a natureza. É um livro que assinala a importância do intercâmbio das várias formas do saber e viver no mundo, nesse caso, colocando o foco nos homens que detêm o conhecimento tradicional da floresta para poder viver nela, conhecimento esse por muito tempo considerado primitivo, fora de qualquer perspectiva de desenvolvimento, mas que hoje se mostra como a alternativa para a própria sobrevivência da floresta e, por as-



FLORESTANIA

Esse termo novo e sugestivo tem sua origem na junção das palavras floresta e cidadania. Como seus criadores – trabalhadores e lideranças da floresta amazônica – fazem questão de frisar, essa expressão não se limita à transposição dos direitos dos cidadãos para o cenário da floresta. Florestania é, muito mais, uma tentativa de se conceber uma relação de respeito e mesmo de reverência pela natureza e por seus habitantes (os povos da floresta). A origem desse termo está ligada aos movimentos de defesa da região amazônica não apenas do ponto de vista ambiental, mas também voltada para a defesa dos povos da floresta – os seringueiros, as populações ribeirinhas, os índios e outros que vivem em função das atividades extrativistas sem destruir a floresta. Em outras palavras, florestania é a cidadania de quem vive na e da floresta. Esse conceito pretende legitimar a ampliação de recursos que garantem saúde, educação, lazer e trabalho para esses povos, em harmonia com a preservação do meio ambiente.



sim dizer, do planeta. Desse modo, o texto desconstrói a ideia de floresta como simplesmente natureza, para falar da cultura da região do Amazonas – aquela que entende a natureza como algo que está dentro de nós e não fora.

Fala dos rios, da mata, das plantas, dos seres e do que se pensa sobre eles, alertando o leitor para os chamados povos da floresta – aqueles que vivem seu dia a dia em contato com as leis e a magia desse universo – que certamente aprenderam de tudo com a cultura indígena e são hoje pequenos povoados, populações ribeirinhas, seringueiros etc.

O reconto da lenda do Boto é exemplar para expressar a ideia de que a natureza está dentro de nós e vice-versa. A pequena narrativa mistura a fala do cientista com o saber, as crendices, o imaginário e a afetividade

CASA DE CHICO MENDES

O tombamento da Casa de Chico Mendes, aprovado pelo Conselho consultivo do IPHAN em 15 de maio de 2008, quando se recordavam os vinte anos do assassinato do famoso líder seringueiro, reflete a tentativa de se contemplar esses direitos dos povos da floresta, tradicionalmente ignorados pelas políticas de Estado no Brasil, em um processo de inclusão e reconhecimento cultural de vasta área marginalizada. Chico Mendes, nascido na cidade de Xapuri, no estado do Acre, em 15 de dezembro de 1945, foi o primeiro grande representante dos direitos desses povos na luta contra os pecuaristas, responsáveis pelo desmatamento da floresta amazônica, tornando-se, após sua morte, o símbolo maior da luta pelos direitos dos povos da floresta.



Casa de Chico Mendes. Copiedoc/IPHAN

locais, mostrando que nessa cultura da floresta há uma enorme compreensão sobre o isolamento em que as populações vivem e o atrativo que o outro, o desconhecido, o forasteiro, naturalmente exerce sobre elas e não só sobre as moças “encantadas pelo boto”. É uma lição de inteligência e sensibilidade, uma cultura que se permite dar uma saída honrosa e perfeitamente explicável pela natureza (aí incluída a natureza humana) para as moças que aparecem grávidas sem que haja um parceiro conhecido ou do lugar – é pura poesia, tolerância, sabedoria.

A ilustração é resultado de um trabalho delicado de bordados sobre desenhos de Demóstenes, que permeiam o livro com todo o imaginário do universo da floresta, num colorido que a torna presente no texto, sendo reincidentes as figuras indígena e cabocla, totalmente integradas aos outros elementos da floresta.



MINHAS RIMAS DE CORDEL

Autor: César Obeid

Ilustrações: Regina Drozina e Valdeck de Garanhuns

Editora: Moderna

Ano: 2005

O livro apresenta a arte em versos da literatura de cordel, lembrando o folheto rústico tradicional em seus elementos formais: as dimensões da publicação, a ilustração da capa em xilogravura, a presença de pequenas vinhetas ao longo do texto. A obra traz ainda uma apresentação que convida o leitor a tomar parte dessa arte popular, originária da tradição oral e mais praticada no nordeste brasileiro, mas que hoje está difundida em todo o país.

A escrita em versos de rima finais, quase sempre com um toque de humor, sugere a leitura em voz alta de forma cadenciada e melodiosa, como se o texto fosse feito para ser compartilhado, animando platéias. Lembra a contação de histórias, mas numa atmosfera de brincadeira, de jogo.

Os temas fazem parte da cultura popular e se dividem em ditados, crendices, adivinhas e conto. São tratados de forma a instigar o leitor, que reconhece nos versos ditos populares muito conhecidos, superstições das quais em algum momento já ouvimos falar, crendi-

LITERATURA DE CORDEL/LITERATURA ERUDITA

Podemos dizer que a tradição oral é característica presente em todos os povos, porém a literatura de folhetos nordestina ganhou uma forma peculiar a partir do trabalho exaustivo de artistas muitas vezes iletrados, mas talentosos, que através dos seus poemas, cantorias e desafios não somente utilizaram os passos do enredo lusitano, mas recriaram uma literatura própria de seus contextos sociopolítico e econômico extremamente brasileiros, que persistem até os dias de hoje, contando memórias do passado. A tradição oral está presente em todas as civilizações conhecidas e possui um alcance maior do que a tradição escrita, relativamente recente na história humana. A literatura de cordel, ou literatura de folhetos nordestina, insere-se nessa tradição ancestral, porém com contornos peculiares, a partir do trabalho de artistas populares, muitas vezes iletrados, que criam e recriam uma literatura típica, por meio da recitação de poemas, desafios e das cantorias, adaptados aos seus contextos sociopolíticos e econômicos, recontando memórias do passado. A tradição dos versos cantados e rimados que caracteriza essa forma literária mantém um diálogo permanente com outras tradições literárias mais antigas. Os temas advindos de qualquer fonte, incluindo os da chamada literatura erudita, são por ela retrabalhados, adaptados à forma típica dos versos setissílabos rimados, dentro de uma estrutura fixa de enredo e tipos de personagem. Dessa forma, elementos de um universo cultural erudito assumem contornos populares, apropriados ao gosto do público cativo desse tipo de literatura.



ces que muitos de nós ou de nossos parentes compartilham e, mesmo no caso do conto, que versa sobre a fofoca, o tema também nos é muito familiar.

Principalmente nos ditados e nas adivinhas, César Obeid enriquece os ditos populares com versos que por vezes os introduzem, provocando ainda mais a curiosidade do leitor. Um ou outro gracejo pode anteceder a revelação de uma adivinha. Desse modo, parecem infinitas as possibilidades de jogos com as palavras, dando a sensação ao leitor de que ele próprio pode tentar se expressar dessa forma.

Ao utilizar temas muito comuns e revelar com a própria escrita o modo de se fazerem os versos, o autor desconstrói a idéia de que a literatura de cordel é um gênero específico de um lugar, ou distante no tempo. Ao contrário, é atual e se presta para falar sobre qualquer assunto.

Minhas rimas de cordel é um livro que fala da arte popular e do folclore não como manifestações remotas, mas como algo vivo e presente na cultura brasileira.



LAMPIÃO E LANCELOTE

Autor: Fernando Vilela

Ilustrações: Fernando Vilela

Editora: Cosac Naify

Ano: 2006

A obra de Fernando Vilela fala de modo muito original do encontro de duas culturas por meio de dois personagens lendários e míticos, ícones do universo europeu e brasileiro, a partir da sua dimensão literária. Embora no caso brasileiro Lampião tenha realmente existido, a tradição oral e as histórias escritas o lançaram no terreno do mito e da lenda. Por isso mesmo, pouco importa o fato de a narrativa européia se passar na Idade Média e de a narrativa brasileira se passar no início do século XX, pois trata-se de duas histórias que falam de aventura, bravura, violência, amor, conquistas, derrotas, o que torna seus heróis atemporais e universais. Daí o leitor ser tão rapidamente capturado pela leitura, pois nada mais atraente do que presenciar o encontro de dois grandes bravos e prever, na verdade, um grande confronto.

Um, cangaceiro leal, valente, talvez justiceiro, talvez criminoso; o outro, nobre cavaleiro, altaneiro, valoroso. Ambos imbatíveis guerreiros, com gosto pelo desafio e pela batalha.

CAVALHADA

A Cavalhada é um folguedo que teve origem nos torneios equestres medievais, na Península Ibérica, nos quais se tem, entre outras reminiscências, o uso de fitas como prêmio, que são oferecidas pelo ganhador a uma mulher ou outra pessoa que se deseje homenagear. Sua difusão no Brasil, registrada desde o século XVII, partiu do Nordeste e espalhou-se pelo resto do país, ganhando um perfil próprio em cada estado. Em Portugal, era uma tradição da nobreza realizada durante as festas religiosas e políticas, tornando-se popular ao longo do tempo. As Cavalhadas podiam também ser realizadas independentemente do calendário religioso, constituindo um fim em si mesmas. Tal manifestação mantém-se viva em vários pontos do Brasil, como Alagoas, Paraná, Bahia, Minas Gerais e Goiás. Em Pirenópolis (GO), a Cavalhada é realizada durante a festa do Divino e representa o auto de cristãos e mouros. As "Cavalhadas" de Pirenópolis, em Goiás, destacam-se entre os eventos da Festa do Divino Espírito Santo, que ocorre 40 dias após a Páscoa. As "Cavalhadas entre Cristãos e Mouros" foram introduzidas nessa área do planalto central brasileiro nas primeiras décadas do século XIX. Desenvolvem uma temática em torno de lutas simuladas de Carlos Magno e seus cavaleiros (os doze Pares de França), enviados para combater os Mouros na Península Ibérica. São representadas durante três dias, depois da procissão do Domingo, no período da tarde, em local especialmente destinado a esse tipo de manifestação folclórica que sempre termina com a vitória dos cristãos. Antes do início dos combates entre cristãos e mouros, surgem nas ruas da cidade grupos de cavaleiros chamados Mascarados - cujas máscaras são



No confronto, uma cultura desafia a outra. O autor consegue, por meio de diversos recursos, expressar esse desafio: primeiro se utiliza desses dois grandes guerreiros-ícones; depois da linguagem específica das novelas de cavalaria *versus* a da literatura de cordel, que em si mesmas são expressas na forma de embate, duelo, desafio. Além disso, as ilustrações representam através das cores e grafismos os dois lados da batalha: prata e traços estilizados de castelos e armaduras para o cavaleiro; cobre e traços estilizados das vestimentas em couro e paisagens do sertão para o cangaceiro. Finalmente, o movimento impresso ao texto verbal acompanha o movimento das ilustrações, conferindo à leitura um ritmo quase cinematográfico – ao som das rimas em forma de desafio, é quase audível o som dos cavalos e jegues, das espadas e peixeiros se confrontando.

Outro aspecto do texto é o humor transmitido pelo deboche e provocação nas falas de um guerreiro para o outro: “donzelinho enfeitado”/ “monte de lata”; “mas teu jegue orelhudo, não parece em bom estado”/ “Meu burrinho é sabidão, fica dez dias sem água, puro-sangue agüenta não”.



Cavallhada, Pirenópolis (GO). Arquivo Central do IPHAN/RJ

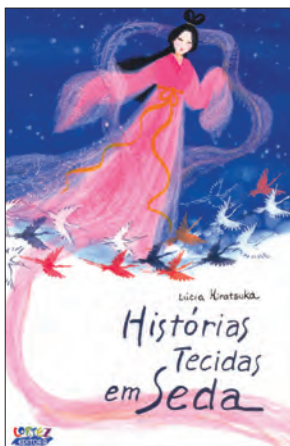
obras de artesanato popular, representando as mais diversas figuras, como demônios, gorilas, cabeças de vacas, cabeças de bois com grandes chifres – gritando, trajando roupas bizarras, estalando seus chicotes e fazendo pantomimas. Depois, procedem-se aos torneios, compostos de vários rituais.

O combate não é infantilizado – a luta é de morte/sobrevivência. Numa analogia à questão cultural, pode-se dizer que não só o encontro de duas culturas traz essa mesma intensidade, como também no interior de uma mesma cultura ocorrem grandes tensões entre modos de vida e suas respectivas expressões culturais, podendo ocorrer movimentos de resistência ou a extinção (morte) de práticas culturais.

O que o autor parece querer demonstrar é que ninguém vence, nem sai ileso – o confronto mescla as duas culturas. Faz isso aproveitando o humor já impresso nos desafios dos dois combatentes, misturando as danças e fazendo as famosas damas Maria Bonita e Guinevere trocarem de parceiro. Lança mão do poder da literatura ao sugerir que nela tudo é possível e anuncia o desfecho: “Pondo abaixo uma barreira, resultou numa geléia, da magia européia com a ginga brasileira”.

Ao final do livro há ainda um glossário, com termos que referenciam as duas culturas, e uma explicação mais detalhada dos recursos utilizados pelo autor na composição do livro.





HISTÓRIAS TECIDAS EM SEDA

Autora: Lúcia Hiratsuka

Ilustrações: Lúcia Hiratsuka

Editora: Cortez

Ano: 2007

O livro traz três contos da tradição popular japonesa, colhidos e recontados por uma autora brasileira descendente de imigrantes japoneses. O Brasil comemorou, em 2008, 100 anos da imigração japonesa e esta obra é emblemática do quanto as culturas conversam entre si, pois os contos de tradição popular costumam demonstrar que quanto mais fiel é uma história ao seu lugar, mais ela se torna universal.

Os três contos utilizam diversos elementos comuns a muitas histórias. O primeiro tem como tema a transformação da vida, ou a vida como passagem; o segundo fala do legado de pais para filhos, não como algo dado, mas que exige viver e se preparar para receber; o terceiro fala do trabalho/ esforço para se alcançar o deleite ou a felicidade plena. Este último conto está relacionado à festa Tanabata, um feriado importante no Japão, em que se acredita que os desejos, nessa data, são realizados.

IMIGRAÇÃO JAPONESA

Considera-se oficialmente o início da imigração japonesa para o Brasil a chegada em 1908 do navio *Kasato Maru* no porto de Santos. Na verdade, desde o final do século XIX os governos de Brasil e Japão já realizavam entendimentos com o objetivo de trazerem imigrantes para as lavouras de café no interior do Brasil. Antes mesmo da Abolição da Escravatura, para se combater a crescente falta de trabalhadores nas fazendas, incentivava-se a vinda de imigrantes – inicialmente europeus, mais tarde asiáticos –, culminando, finalmente, em 1908, no acordo entre os governos brasileiro e japonês para a entrada dos imigrantes no Brasil. Atraídos pela propaganda de lucros rápidos com a produção de café, buscando acumular riquezas para retornarem o quanto antes a seu país de origem, os imigrantes pioneiros enfrentaram difíceis condições de trabalho e moradia, sendo explorados com salários muito inferiores aqueles prometidos. Passaram, então, a se organizar em colônias e cooperativas, criando pequenas propriedades agrícolas e fundando núcleos urbanos como os que deram origem às cidades de Suzano, em São Paulo, Assaí no Paraná e Tomé-Açu no Pará. Concentraram-se inicialmente na produção de arroz e algodão, mais tarde diversificando os produtos cultivados. Com o tempo, vencendo momentos históricos delicados – como a eclosão de Segunda Guerra Mundial, que levou a uma ampla perseguição dos japoneses –, multiplicando-se rapidamente (em 1932 já se calculavam 132.689 japoneses assentados no Brasil), rompendo com arraigados preconceitos étnicos, a imigração japonesa contribuiu para reformular a paisagem humana brasileira, incorporando valores e costumes originais dentro de nossa sociedade.



Attrizes japonesas. Arquivo Nacional

A permanência da oralidade em todas as culturas, mesmo considerando a perda da sua importância diante do avanço dos meios de comunicação e da velocidade da informação, é a fonte de histórias como essas. São histórias que vêm de longe, que possuem um caráter simbólico: não estão preocupadas em dar explicações, mas em transmitir valores e sentidos da natureza humana. Esse tipo de narrativa tem relação forte com um determinado modo de vida e concepção de mundo – aquele em que trabalhar, conviver, ouvir e contar histórias fazem parte da mesma experiência. Para nós, hoje, em ambientes urbanos principalmente, é difícil de entender que o poder do conhecimento transmitido oralmente de geração em geração foi, durante muito tempo, o que produziu nossa civilização.

Porque são histórias nascidas do povo e mil vezes contadas e recontadas, também como os povos são muito “viajadas”: elas vão daqui pra lá e de lá pra cá, se misturando e se transformando ao longo do tempo.

Monteiro Lobato dedicou um livro às histórias do folclore brasileiro (baseado no trabalho de Silvio Romero), que se chama *Histórias de Tia Nastácia*. Emília, sua personagem mais crítica, raramente gosta de alguma, julgando a maior parte delas sem pé nem cabeça e muito repetitivas. Tia Nastácia se defende: “Mas, isso não

TRADIÇÃO ORAL E TRABALHO ARTESANAL

Tecendo fios, entretecendo histórias, os tecelões produzem e reproduzem costumes, práticas culturais, modos de fazer. Por detrás de cada tecido minuciosamente confeccionado há um rico manancial de experiências vividas e transmitidas oralmente, trabalho longo e exaustivo, dias e noites de intensa dedicação, até o resultado final. A fiação e a tecelagem, enquanto atividades produtivas humanas, são milenares, mas as formas pelas quais se desenvolveram em cada país obedeceram aos tipos de material disponível, aos costumes e à formação cultural de seus artesãos. A tal ponto que alguns povos ficaram associados a certos tipos de tecido: os egípcios ao linho, os hindus ao algodão, os chineses à seda. A arte e o ofício da fiação e da tecelagem requerem muito pouco de tecnologia e muito do trabalho humano, que dá forma e sentido aos materiais extraídos da natureza – fibras animais e vegetais –, fornecendo da mais elementar vestimenta ao mais suntuoso traje.

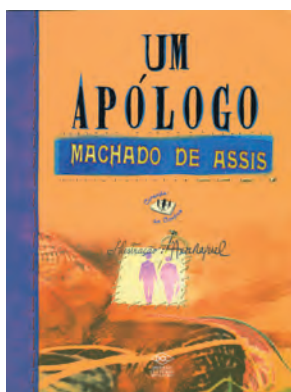


Liberdade, São Paulo. Arquivo Central do IPHAN/RJ

é para entender [...] É da história. Foi assim que minha mãe Tiaga me contou [...] eu passo para diante do jeito que recebi.” Narizinho, neta de D. Benta, repara que algumas histórias são repletas de reis, rainhas, príncipes, dragões, nada que o povo conheça. Sua avó replica dizendo que muitas histórias vêm de Portugal, têm origem na Idade Média, e que na imaginação do povo reis, rainhas etc. são o que há de mais maravilhoso. Ainda procura explicar: “As histórias escritas conservam-se sempre as mesmas [...] mas as histórias que correm na boca do povo vão se adulterando com o tempo [...] por fim, ficam muito diferentes do que eram no começo”.

Com o exemplo de Lobato e a atual e renovada produção literária voltada para o folclore brasileiro, essa obra de Lúcia Hiratsuka pode nos proporcionar o reconhecimento de diversos elementos comuns às nossas histórias populares, além de nos fazer sentir o gosto de conversar com uma cultura aparentemente tão distinta da nossa.

As ilustrações e o grafismo apresentam o universo japonês, com a ambientação, as paisagens, os tipos e o vestuário, criando uma atmosfera muito envolvente e delicada para a leitura.



UM APÓLOGO

Autor: Machado de Assis

Ilustrações: Ana Raquel

Editora: DCL

Ano: 2003

O conto utiliza a linguagem figurativa, com personagens inanimados: a linha e a agulha para metaforizar a discussão sobre quem ou o quê é mais importante (ou indispensável) na vida. É possível dizer que propõe uma alegoria sobre a questão da identidade, por meio do trabalho – atividade humana que evoca a relação objetiva e concreta que temos com o mundo.

O trabalho não trata de uma pessoa sozinha, de um indivíduo, mas indica a coletividade, a rede de sociabilidade. Os artefatos são extensões nossas, toda coisa feita pelo homem contém o homem – o trabalho é a dimensão “artificial” (*versus* a dimensão “natural”) da existência humana, revela a capacidade humana de criar, recriar, transformar o mundo e o seu modo de estar nele.

A identidade vista pela perspectiva do trabalho ajuda a compreender que um sujeito se define na sua relação com o outro. Onde “um” começa e o “outro” termina?

A ARTE DAS RENDEIRAS

A arte das rendeiras no Brasil tem origem na apropriação de velhos saberes transplantados da Europa e aqui introduzidos mais fortemente pela tradição oral, mas também por meio de livros escritos em francês, do ensino nos conventos pelas freiras estrangeiras às filhas da aristocracia rural, que por sua vez repassavam seu conhecimento a outras mulheres do seu convívio, ricas ou pobres.

Há uma grande diversidade de tipos de renda produzidos no país, dentre eles a renda de bilro ou renda de almofada praticada em diversos estados do litoral brasileiro como Santa Catarina, Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte, dentre outros. No caso da renda de bilro, tradicionalmente as rendeiras são mulheres e filhas de pescadores que com essa atividade complementam a renda familiar. A técnica do bilro utiliza uma almofada, na qual fica pregado um cartão furado com o desenho da renda que se pretende fazer, alfinetes do espinho do mandacaru, para prender a renda, e os bilros de madeira (pauzinhos), mais três caroços de macaúba onde são enrolados os fios.

O Conselho Consultivo do IPHAN aprovou em 27 de novembro de 2008 a inscrição do “modo de fazer renda irlandesa” no Livro de Registro dos Saberes, identificando como patrimônio cultural imaterial o “Ofício das Rendeiras de Divina Pastora no estado de Sergipe”. A renda irlandesa, também conhecida como renda de lacê, é um tipo de renda de agulha, que combina uma multiplicidade de pontos executados com fios de linha, tendo como suporte um tipo de cordão sedoso achatado – o lacê. A renda tornou-se a principal atividade de mulheres saídas dos canaviais e, desde o primeiro quartel do século XX, promoveu sua ascensão social. Abandonando o



Renda de Divina Pastora, Sergipe. CNFCP/IPHAN

O texto apresenta também a ideia de que o resultado do trabalho advém do fato de cada um fazer a sua parte ou, de outro modo, de que cada um tem seu “lugar” e que a “costura” – resultado – que une as partes é alguma coisa que não pertence (no caso dessa história) nem ao domínio da linha, nem ao da agulha, mas do que elas podem fazer juntas. Está para além delas, pertence ao mundo.

A disputa entre as duas personagens sobre qual delas seria a mais importante para o trabalho (ou o mundo) tem um desfecho que aparentemente faz uma delas vencedora, mas, ao contrário de haver uma moral nisso há uma espécie de deboche sobre a melancolia e o vazio da disputa pela disputa, traduzido na postura do terceiro personagem – um alfinete que não abre caminho para ninguém e não escolhe o seu lugar: “Onde me espetam, fico”.

A apropriação de um texto de Machado de Assis numa formatação atraente para o público infanto-juvenil demonstra que temas de grande complexidade, como nesse caso a questão da identidade, quando tratados

árduo trabalho das roças e fazendo rendas, essas mulheres puderam custear seus estudos, tornando-se professoras ou melhorando as condições de vida de suas famílias.

IDENTIDADE

Em uma época de mudanças aceleradas, de informações que navegam à velocidade da internet, época de incertezas e questionamentos sobre as definições tradicionais de gênero, nação, família, religião, etc., em que se proclama a diversidade como condição inexorável de nosso tempo, o tema da identidade assume um papel fundamental. Afinal, num mundo onde “tudo o que é sólido desmancha no ar”, o que nos define? Como podemos afirmar qualquer tipo de identidade quando até mesmo nossos conceitos, as formas pelas quais entendemos o mundo, rapidamente se tornam obsoletas? Por outro lado, identificar-se é um movimento constante do homem para se reconhecer pertencendo a uma determinada ordem de crenças, valores e ideias, dentro de uma trama de afinidades culturais. Nesse sentido, as identidades – sejam elas étnicas, políticas, sexuais, ou de qualquer outro tipo – assumem o caráter de inclusão em um universo simbólico preexistente, o que, por sua vez, implica exclusões de todo tipo. Por exemplo: o que nos faz brasileiros? Há características comuns – como as de língua, território, expressões musicais – que nos diferenciam dos demais povos; mas verificamos que a chamada identidade nacional é central nas preocupações contemporâneas, apontando para a multiplicidade de identidades culturais possíveis, tornando as ideias de pluralidade e diversidade palavras de ordem para a compreensão da cultura do país, o que nos torna, no final das contas, simplesmente humanos.



Tecelã. Arquivo Central do IPHAN/RJ

com maestria na arte da linguagem literária, metafórica, simbólica, alcançam o interesse tanto de adultos como de jovens e crianças.

A ilustração de Ana Raquel reforça o sentido da “costura” como algo que une fragmentos, associando-a ao conceito de memória, pois apresenta as imagens como *flashes* de uma época passada permeados por uma costura – alude ao fato de que a memória é resultado de uma construção e depende da leitura (“costura”) que fazemos dos vestígios de outros tempos.

Ao final, apresenta-se um glossário de termos utilizados por Machado e que podem não ser do conhecimento do leitor, além de uma apresentação desse grande escritor da Literatura brasileira.



O CONGO VEM AÍ

Autor: Sérgio Capparelli

Ilustrações: Carlos Eduardo Cinelli e Warley Goulart

Editora: Global

Ano: 2006

Essa é uma obra que fala de afeto. Muitas obras fazem isso ou tentam, mas a novidade, nesse caso, é mostrar como o afeto se manifesta a partir da criança para com seus pares: a mãe, o pai, a irmã, o amigo, o vizinho. “De vez em quando minha mãe fica tomada”; “[...] a toalha floreada. Meu pai que trouxe [...]”; “Eu e Seu Juvêncio éramos amigos, quer dizer, eu era amigo do César, mas quem é amigo do filho acaba amigo do pai”; “[...] tem partes da casa com cheiro de lavanda, e outras partes com cheiro de quitanda”; “Mamãe tinha os olhos rasos de água”; “Papai tomou coragem [...] Conheço papai”.

A situação vivida por todos eles é extraordinária, ou seja, não faz parte do cotidiano. Trata-se de uma celebração, de uma festa: a passagem do Congo. Se essa festa é desconhecida por muitos e se não faz parte da vivência da maior parte dos leitores, pouco importa, porque a experiência de afeto ou da falta dele é comum a todos nós. Esse é o mote utilizado pelo autor para transmitir ao leitor o encantamento de uma festa da cultura popular brasileira.

FOLCLORE E PATRIMÔNIO IMATERIAL

Folclore = saber do povo. Mais do que expressão de uma cultura popular, o folclore representa um campo de estudos em que se discutem as variadas manifestações culturais de um povo. Após a Segunda Guerra Mundial, a recém-criada UNESCO passou a promover no mundo inteiro ações de preservação das tradições populares. No Brasil, em 1947, foi criada a Comissão Nacional de Folclore. Desse processo resultou, em 1958, a instalação do então Ministério da Educação e Cultura. Em 1976, a Campanha foi incorporada à Funarte como Instituto Nacional de Folclore. No ano de 1997, a denominação foi novamente alterada para Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. No final de 2003, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) passou a integrar a estrutura do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Atualmente, superando-se as delimitações entre cultura das elites e cultura do povo, a categoria específica de patrimônio imaterial, instituída oficialmente no Brasil no ano de 2000, abarca as relações fluidas e mutáveis estabelecidas entre os grupos sociais, seus valores culturais, crenças e ideais. Tão importante quanto os ritos, objetos, danças e cantos associados ao folclore, valoriza-se hoje o que ele representa, os valores e ideais de que é portador.



Congada. Arquivo Central do IPHAN/RJ

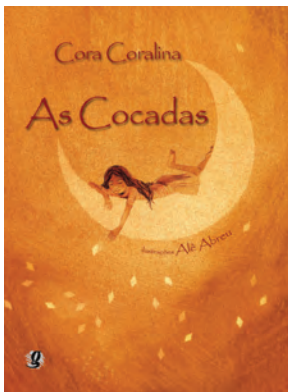
Aos que não conhecem a Congada é permitido conhecê-la, tanto pelos dados de descrição que são fornecidos pelo texto (vestuário, quitutes, preparação da casa) quanto pela ilustração que praticamente nos faz visualizar a festa, com seu colorido, com o movimento impresso pela originalidade da colagem de tecidos, reproduzindo desde a ansiedade pela festa (a mãe inquieta na janela) até as suas danças, fitas, bandeiras e a atmosfera sagrada de amizade, solidariedade e fé.

Mas o mais interessante, e o que conduz o leitor a também vivenciar a festa, é o comportamento do protagonista, o menino da casa. Atento a todos e a tudo, além de preocupado com seus próprios interesses, como o de comprar um almanaque, é ele quem narra, quem vê e faz tudo para que sua casa receba a visita do Congo. Ou seja, a festa tradicional é apresentada pelo ponto de vista da criança, não apenas como observadora dos sentidos que ela possui para sua mãe, sua irmã, seu pai e seus amigos, mas como protagonista por excelência dos acontecimentos.

Esse livro rompe com a ideia de que o folclore é alguma coisa distante no tempo ou específica de um lugar, porque, por meio da atmosfera afetiva criada, torna-se possível ao leitor o estabelecimento de relações com outras manifestações culturais, costumes, hábitos que ele porventura vivencie, falando mais alto o sentido que a tradição tem em sua própria vida.



Congada. Arquivo Central do IPHAN/RJ



AS COCADAS

Autor: Cora Coralina
Ilustrações: Alê Abreu
Editora: Global
Ano: 2007

Cora Coralina é sempre uma poeta, seja contando causos, escrevendo prosa, fazendo poesias e, sem dúvida, também nesta obra, que não é escrita em versos, mas cujo texto e conteúdo são pura poesia. O livro narra um episódio da infância da protagonista que já adulta relembra e revive os acontecimentos com a mesma intensidade de emoções. O tema dessa narrativa é o prazer de saborear a comida, mas esse sabor perpassa todo o texto na descrição dos modos de fazer, utensílios e espaços em que os alimentos são feitos.

Trata-se de uma menina, que como diz a autora, é “prestimosa e trabalhadeira à moda do tempo”, e que, por isso mesmo, participa das tarefas domésticas, principalmente aquelas que se passam na cozinha. Esse seria o espaço, por excelência, do trabalho, mas é descrito e ilustrado de tal forma que se torna o espaço da magia e também do sagrado. Sabor e saber têm a mesma raiz etimológica e seus significados se aproximam: sabor [Do lat. *sapore*]; saber [Do lat. *sapere*, “ter gosto”]; sábio [Do lat. *sapidu*, “que tem sabor”]. O ali-

CULINÁRIA

A atividade de cozinhar envolve diversas tarefas que se complementam: os utensílios, os ingredientes, o espaço da cozinha, os modos de preparar o alimento a ser servido. Cada um destes elementos pressupõe relações sociais, maneiras de ver e interpretar a vida, pequenos universos de sociabilidade e poder, onde se integram tradições familiares, grupos sociais distintos e representações simbólicas da vida social. Quantas histórias e quantas “receitas” não foram mexidas e remexidas no curto espaço entre o fogão e a pia de uma cozinha?



Acarajé. CNFCP/IPHAN

PATRIMÔNIO IMATERIAL

Criou-se para essa modalidade de patrimônio um novo instrumento de proteção, mais adequado à dinâmica e fluidez da vida cultural: o *registro*. É por meio do *registro* que são inscritas manifestações como o samba, o jongo, entre outros, e mais especificamente com relação à culinária, o ofício das panelleiras de Goiabeiras/ES, o ofício das baianas de acarajé, o modo artesanal de fazer queijo de minas, a feira de Caruaru. Portanto, não se *tomba* um gênero musical como o samba, ou as panelas da moqueca capixaba, mas se *registra* um “modo de fazer”, uma arte de criar e se expressar. Procura-se, dessa maneira, preservar uma tradição cultural, sem engessá-la, respeitando a riqueza de sua diversidade e de suas múltiplas reapropriações.

O *registro* de um bem imaterial é feito em quatro diferentes livros: Livro dos Saberes, Livros das Formas de Expressão, Livro das Celebrações, Livro dos Lugares – observando-se aquele que mais se adequa às suas características.

mento do corpo é tão essencial quanto o alimento do espírito: onde um começa e o outro termina? A alquimia de transformar os ingredientes em alimento fala à alma, é capaz de provocar sentimentos, dar sentido à vida – não pensada, mas saboreada.

Essa é a atmosfera criada para a feita das deliciosas cocadas de Coralina, daí a reverência da menina como mera ajudante a “quem sabe o que faz” – sua prima mais velha, que já domina a arte da cozinha.

A menina recebe só duas cocadas como prêmio pelos seus serviços, e nem ousa perguntar o destino das demais, apenas sonha com a terrina cheia delas. Qual não é seu assombro e sua revolta guardada e revivida pela memória, quando aquele *manjar dos deuses* é esquecido e se estraga, mal servindo para alimentar o cachorro da casa?

O mundo adulto erra, erra feio nessa história. Para a menina, um verdadeiro crime contra o que há de mais sagrado: o sabor que a vida tem ou deveria ter.

A ilustração de Alê Abreu faz mais do que jus à prosa poética de Coralina, poetando com as imagens e cores que nos fazem sentir os aromas, as texturas dos utensílios e o sabor das cocadas.

É um livro que mostra a arte culinária como parte indissociável da vida e, portanto, da cultura de qualquer povo, envolvendo desde modos de falar (“escumação da cauda”, “apuração do ponto”, “ponto brando”, “ajudando nas quitandas”), de morar, criar os filhos, confectionar utensílios e, especialmente, de transformar os ingredientes disponíveis em alimento.

ÍNDICE DE AUTORES E ILUSTRADORES



ALÊ ABREU

O desenhista, nascido em 1971, vive em São Paulo. Fez um curso de desenho animado no Museu da Imagem e do Som (SP) aos 13 anos, e se formou em Comunicação Social (1992). Fez trabalhos para publicidade, como a criação e animação do personagem do "Iô-iô cream", e inúmeras ilustrações para revistas e livros, como *O mistério do cinco estrelas*, de Marcos Rey, *Sangue fresco*, de João Carlos Marinho e *O Menino que espiava pra dentro*, de Ana Maria Machado. Realizou os premiados curtas-metragens *Sírius* (1993), *Espantalho* (1998), que recebeu entre outros prêmios o de melhor animação nacional do Festival AnimaMundi 98, e o longa-metragem *Garoto Cósmico* (2007). O seu curta mais recente, *Passo*, estreou em Gramado em 2007.

ANA RAQUEL (ANA RAQUEL MÁXIMO PEREIRA)

Nascida em 1950, em Pitangui (MG), atua como ilustradora desde 1980. Participou da criação de mais de cem livros, alguns premiados. Ilustrou obras de sua autoria e de outros autores, entre eles *Se as coisas fossem mães* (1984), de Sylvia Orthof, *O velho, a carranca e o rio* (2000) e *A sereia dos cabelos de Ouro* (2002), ambos de Rogério Andrade Barbosa, *Álbum de retratos* (1998), de Jorge Fernando dos Santos, a coleção *Todo mundo tem*, junto com Anna Claudia Ramos, entre 2004 e 2005, e *Cajará* (2008). Reside em Trancoço, sul da Bahia, há quase cinco anos.

ANGELO ABU

Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1974, e se mudou para Porto Seguro/ Arraial d'Ajuda. Morou, ainda, em Oklahoma, nos Estados Unidos, entre 1991 e 1992. De volta a Belo Horizonte, começou a estudar psicologia e a dar aulas de inglês. Em um festival de inverno em Ouro Preto, em 1995, cursou uma oficina com Marilda Castanha e Paulo Bernardo Vaz, ilustrando seu primeiro livro, *Zoomágicos*. Formou-se em Cinema de Animação na Escola de Belas Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais em 2000. Ilustrou diversos livros, entre eles, a Coleção *Escola em Cena*, de Victor Louis Stutz (entre 1999 e 2005), a Coleção *Meninos e Meninas do Brasil*, de Maria José Silveira (entre 2003 e 2005), *Alberto do sonho ao vôo* (2005), de José Roberto Luchetti e *O menino parafuso* (2008), de Olívia de Mello Franco.

BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS

Nascido em Pará de Minas, Minas Gerais, em 1944, o autor tem formação nas áreas de educação e arte, tendo cursado o Instituto Pedagógico de Paris. Participa de projetos da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, do Ministério da Educação e do PROLER (Programa Nacional de Incentivo à Leitura), vinculado à Fundação Biblioteca Nacional. Em 1974, publicou seu primeiro livro, *O peixe e o pássaro*. Sua obra, com mais de cinquenta livros, entre os quais destacam-se *Ah! Mar* (1985), *Por parte de pai* (1995), *Coração não toma sol* (1998) e *O olho de vidro do meu avô* (2004), valeu-lhe diversos prêmios literários, entre eles o Jabuti, pela Câmara Brasileira do Livro, e o Selo de Ouro, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

CAMILA PERLINGEIRO

Nascida no Rio de Janeiro em 1973, é diretora da Memória Visual, editora especializada em moda, gastronomia, biografias e fotografia. Também é coordenadora de projetos especiais da Pinakotheke Cultural, instituição especializada na difusão da arte brasileira. É mestre em Museum Studies: costume and textiles pelo Fashion Institute of Technology, Nova York. Organizou o livro *46 livros de moda que você não pode deixar de ler* (2007) e é autora do livro *Lenny Niemeyer* (2008).

CARLOS EDUARDO CINELLI

Nasceu no Rio de Janeiro em 1979. Estudou desenho, pintura e gravura em metal na adolescência. Em seguida, formou-se como ator na Escola de Teatro da UniRio, onde fundou com demais artistas o grupo *Os Tapetes Contadores de Histórias*. Atualmente, suas atividades estão relacionadas ao teatro, artes plásticas e narração de histórias.

CÉSAR OBEID

Nascido em São Paulo, em 1974, formado em Administração de Empresas pelo Mackenzie (1997), dedica-se hoje à recriação do cordel e do repente na educação, no teatro, em eventos e na literatura. O escritor, educador e contador de histórias escreve matérias e artigos para jornais e revistas, assim como participa de gravações de programas de televisão e rádio. É secretário da UCRAN - União dos cordelistas e repentistas do nordeste. É autor dos livros *O cachorro do menino* (2007), *Vida rima com cordel* (2007) e *Aquecimento global não dá rima com legal* (2008). Seus livros receberam menção Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

CORA CORALINA

A poetisa Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, nasceu em 1889, na cidade de Goiás. Doceira de profissão, cursou apenas as primeiras letras e já aos 14 anos escreveu seus primeiros contos e poemas. Casou-se com o advogado Cantídio Tolentino Bretás, em 1934, e foi morar em Jaboticabal, interior de São Paulo, onde nasceram e foram criados seus seis filhos. Só voltou a viver em Goiás em 1956. Seu primeiro livro, *Poemas dos Becos de Goiás*, foi publicado pela Editora José Olympio em 1965, quando a poetisa já contabilizava 75 anos. Compôs *Meu livro de cordel* (1976) e *Vintém de cobre - meias confissões de Aninha* (1983). Foi eleita intelectual do ano e contemplada com o Prêmio Juca Pato, da União Brasileira dos Escritores, em 1983. Faleceu em Goiânia, no ano de 1985, em sua casa, que foi transformada no museu Casa de Cora Coralina.

DEMÓSTENES (DESENHO)

BORDADOS DE ANTÔNIA DINIZ, ÂNGELA MARILU, MARTHA E SÁVIA DUMONT

O grupo Matizes Dumont é formado por seis artistas de uma mesma família de Pirapora, Minas Gerais, e é composto pela mãe, Antônia Zulma Diniz Dumont, e cinco filhos (Ângela, Marilu, Martha, Sávia e Demóstenes). Este grupo de artistas resolveu acrescentar nova função de artes visuais ao bordado antigo, criando uma tapeçaria minimal, com características muito pessoais. O grupo se dedica às artes plásticas, às ilustrações de livros bordados e à arte-educação. O trabalho iniciado pela mãe apresenta atualmente três gerações de uma mesma família, bordando de forma coletiva. A criação de uma tela tem momentos distintos e todos são igualmente importantes e de grande elaboração. Primeiro é elaborado o desenho pelo irmão Demóstenes, que é artista plástico. Cada uma das bordadeiras recria em cima desses desenhos, escolhendo elas mesmas as cores das linhas e a textura do fio. O grupo já foi premiado, entre outros, com o Jabuti de Ilustração da Câmara Brasileira do Livro pelo livro *A menina, a gaiola e a bicicleta / Céu de passarinhos* (1998), com o Prêmio Adolfo Aizen - União Brasileira de Escritores, Categoria Melhor Projeto Gráfico e ilustração pelo livro *Amazonas, águas, pássaros, seres e milagres*, em 2000, e com vários Selos de Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

FERNANDO VILELA

O artista plástico, designer e educador, nascido em São Paulo, formou-se em 1995 pela Faculdade de Artes Plásticas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e faz Pós-Graduação em Artes Visuais na Faculdade de Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Por sua primeira obra para crianças, *Ivan Filho-de-Boi* (2004), escrito por Marina Tenório, ganhou o prêmio Revelação Ilustrador 2004, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Em 2005, participou da Bienal Internacional de Ilustração de Bratislava, na Eslováquia. Além de escrever e ilustrar livros, já realizou diversas exposições no Brasil e no exterior.

HENRIQUE RODRIGUES

Nascido no Rio de Janeiro em 1975, formou-se em Letras pela UERJ, fez pós-graduação em Jornalismo Cultural, também na UERJ, e mestrado em Estudos de Literatura na PUC-Rio. É co-autor dos livros *Quatro estações: o trevo* (1999) e *Prosas cariocas: uma nova cartografia do Rio de Janeiro* (2004), e autor dos livros *A musa diluída* (2006), *Versos para um Rio Antigo* (2007) e *Machado de Assis: o Rio de Janeiro de seus personagens* (2008). Publicou, ainda, textos em periódicos, como a revista *Poesia sempre*. Colabora com a revista virtual *Histórias possíveis* e com os suplementos literários do *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Atualmente trabalha com projetos de incentivo à leitura e circulação de manifestações literárias no Sesc Nacional, como assessor técnico.

JOSÉ EPHIM MINDLIN

Nascido em São Paulo em 1914, filho de judeus de Odessa, formou-se em Direito em 1936, pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Advogou por alguns anos, até fundar a empresa Metal Leve S/A. Após sua aposentadoria em 1996, dedicou-se integralmente à paixão que nutre desde os treze anos de idade: colecionar livros raros. Formou uma das mais importantes bibliotecas privadas do país, que chegou a ter 38 mil títulos. Em 2006, doou cerca de 15 mil obras da Biblioteca Brasileira para a Universidade de São Paulo. No mesmo ano foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, onde passou a ocupar a cadeira número 29. Entre os prêmios recebidos encontram-se o Prêmio Juca Pato, como Intelectual do Ano de 1998, o Prêmio UNESCO Categoria Cultura, e a Medalha do Conhecimento em 2003. Mindlin promoveu a edição de cerca de 40 livros e revistas de arte e literatura, e de bibliografia brasileira. É o autor de *Uma vida entre livros – reencontros com o tempo e memórias esparsas de uma biblioteca*.

LÚCIA HIRATSUKA

Nasceu em 1960 em Duartina, interior do estado de São Paulo. Formada em Artes Plásticas, trabalha com Literatura Infantil e Juvenil, escrevendo e ilustrando. Recebeu uma bolsa de estudos para a Universidade de Educação de Fukuoka no Japão, em 1988. Retornando ao Brasil, passou a recontar os contos e as lendas que ouvia na infância pela voz da avó. Escreveu e ilustrou, entre outros, *Os livros de Sayuri* (2008) e a *Coleção Contos e Lendas do Japão* (1993 e 1995).

LUISE WEISS

Nascida em 1953 na cidade de São Paulo, a gravadora, pintora, fotógrafa e professora possui graduação em Artes Plásticas pela Universidade de São Paulo (1977), mestrado em Comunicação e Artes (1992) e doutorado em Poéticas Visuais (1998), ambos pela Universidade de São Paulo. Entre 1977 e 1987 foi professora do laboratório de desenho infantil e juvenil da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Atualmente é professora de gravura e desenho da Universidade Estadual de Campinas e professora titular da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Participou de diversas mostras coletivas e individuais, assim como escreveu e ilustrou *Brinquedos e engenhocas: atividades lúdicas com sucata* (1993) e o livro-brinquedo *Dentro do espelho* (2002). Ilustrou, ainda, *ABC do Zôo*, de Pedro Maia Soares (1996). Seu trabalho foi publicado na *Coleção Artistas da USP* em 2004.

MACHADO DE ASSIS (JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS)

Nasceu no Rio de Janeiro em 1839, em uma família pobre e de pais mestiços. Aos 16 anos, publicou seu primeiro trabalho, o poema *Ela*, na revista *Marmota Fluminense*. Um ano depois, entrou na *Imprensa Nacional* como tipógrafo e, posteriormente, tornou-se revisor. Colaborou com diversos jornais e revistas da cidade, como o *Correio Mercantil*, o *Diário do Rio de Janeiro*, *A Semana Ilustrada*, *O Globo* e *O Cruzeiro*. A partir daí, iniciou intensa vida como escritor e em outras atividades ligadas à escrita. Em 1869, casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novais, uma mulher culta que lhe mostrou livros de alguns autores estrangeiros. O casal não teve filhos. Foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1897, cargo que ocupou até sua morte, em 1908. Entre suas obras – romances, peças de teatro, crônicas, poemas e contos – encontram-se *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom*

Casmurro (1899).

MARIA JOSÉ SILVEIRA

Nascida em Jaraguá, Goiás, é formada em Comunicação pela Universidade de Brasília, em Antropologia pela Universidade de San Marcos, em Lima, Peru, e tem Mestrado em Ciências Políticas pela Universidade de São Paulo. Fundou em 1980 a editora Marco Zero, da qual foi diretora até 1998, e a partir de 2002 passou a se dedicar a escrever. Começou a escrever para crianças na revista do Sítio do Pica-pau Amarelo. Tem atualmente inúmeros livros publicados nesta área, entre eles *Uma cidade de carne e osso* (2004) e *Cabeça de garota* (2005), além de romances para adultos.

REGINA DROZINA

A artista plástica, casada com o artista polivalente Valdeck de Garanhuns, ministra, em parceria com o marido, oficinas de xilogravura, literatura de cordel, teatro de bonecos e escultura. Sua obra integra o acervo do Museu Casa da Xilogravura, em Campos do Jordão, São Paulo. Produz, ainda, os figurinos dos espetáculos montados por Valdeck de Garanhuns.

SÉRGIO CAPPARELLI

Nascido em Uberlândia (MG), em 1947, graduou-se em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1970), fez doutorado em Comunicação pela Université de Paris II (1980) e pós-doutorado pela Université de Grenoble (1987-1988) e pela Université de Paris VI (2001-2002). Professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul desde 2005, o escritor tem mais de 30 livros publicados, especialmente para o público infantil e juvenil. Entre eles, *Os meninos da Rua da Praia* (1979), *Boi da cara preta* (1981), *Vovô fugiu de casa* (1982), *As meninas da Praça da Alfândega* (1994), *O velho que trazia a noite* (1994), *33 ciberpoemas e uma fábula virtual* (1996). Ganhou quatro vezes o prêmio Jabuti, três vezes em literatura e uma vez em Ciências Humanas, com o ensaio *Televisão e Capitalismo no Brasil*. Desde 2005 trabalha em Beijing, China, em uma agência de notícias. É criador e atual editor da revista *Tigre Albino*.

SPACCA (JOÃO SPACCA DE OLIVEIRA)

O cartunista e ilustrador nasceu em 1964, em São Paulo, e se formou em Comunicação Visual pela FAAP. Fez storyboards para filmes publicitários no começo da carreira, criou charges políticas para o jornal Folha de S. Paulo e ilustrou o suplemento infantil Folhinha por dois anos. Escreveu histórias em quadrinhos para as revistas Níquel Náusea e Front e também trabalhou com animação. Atualmente faz charges para a versão on-line do Observatório da Imprensa e para publicações empresariais. Em 2005, Spacca recebeu o primeiro prêmio de charge no Salão Internacional de Humor de Piracicaba. É autor de *Santô e os pais da aviação* (2005) e *D. João Carioca* (2007). Ilustrou, ainda, *O jogo da parlenda* (2005), de Heloísa Prieto, *Vice-versa ao contrário* (1994), de vários autores, e *O Mário que não é de Andrade* (2001), de Luciana Sandroni.

THIAGO DE MELLO (AMADEU THIAGO DE MELLO)

Nascido em 1926, em Barreirinha, à margem direita do rio Paraná do Ramos, na Amazônia, realizou seus estudos preliminares em Manaus, e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou na Faculdade Nacional de Medicina, curso que abandonou para se dedicar exclusivamente à poesia. Preso durante a ditadura, exilou-se na Argentina, no Chile, em Portugal, na França e na Alemanha. Com o fim do regime militar, voltou a sua cidade natal, Barreirinha, onde vive até hoje. Tem obras traduzidas para mais de trinta idiomas. Autor de *Silêncio e palavra* (1951), *Poesia comprometida com a minha e a tua vida* (1975) e *Os estatutos do homem* (1977). Em homenagem a seus 80 anos, completados em 2006, foi lançado o CD comemorativo *A criação do mundo*, contendo poemas que produziu nos últimos 55 anos, declamados por ele próprio e musicados por seu irmão, o músico Gaudêncio Thiago de Mello.

VALDECK DE GARANHUNS

Nascido em Garanhuns, Pernambuco, em 1952, foi criado em Recife. Estudou no Colégio Estadual de Pernambuco, onde cantou no orfeão, participou do grupo de teatro e frequentou as aulas de artes plásticas na marcenaria. Em Recife, fundou e dirigiu o grupo de teatro Acauã, montando várias peças, inclusive o *Drama da Paixão de Cristo* por dez anos consecutivos. Valdeck é poeta, artista plástico, arte-educador, ator, compositor, contador de histórias e mestre em Teatro de Mamulengos. Com 25 anos de carreira, o artista usa o Teatro de Mamulengos como recurso educacional em escolas, empresas, entidades, ruas e praças. Participou de importantes salões de artes plásticas, exposições coletivas e individuais em Washington e Nova York, nos Estados Unidos, e em Hameln e Erlangen, na Alemanha. Suas obras fazem parte do

acervo do Museum für Völkerkunde em Frankfurt na Alemanha. Mora em Itapeirica da Serra, estado de São Paulo, onde ministra oficinas de xilogravura, literatura de cordel, teatro de bonecos e escultura, em parceria com sua companheira a artista plástica Regina Drozina.

WARLEY GOULART

Nasceu em Volta Redonda (RJ) em 1976. Aos 14 anos, começou a estudar teatro, canto e violão. Em 1995, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se formou em Artes Cênicas pela UniRio e participou de espetáculos teatrais que lhe conferiram prêmios como ator e diretor musical em festivais de Teatro no Brasil. Kursou Especialização em Literatura Infanto-Juvenil pela UFF. Atualmente participa do grupo *Os Tapetes Contadores de Histórias* como contador de histórias, músico e artista plástico.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES



capa Pessoas em frente ao chafariz, Mariana (MG). Foto de Erich Hess. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. F012340.

p. 5 Festa tradicional (Cavalhadas). Pirenópolis (GO). Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Processo de tombamento 1181-T-85. F105992

p. 7 Amostras de rendas. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Etnografia. Cx.2/ p. 4/ env.1.

p. 8 Vista da rua da Caridade com cerimônia religiosa. Diamantina (MG). Foto de Erich Hess. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 181/ P. 0002/ env. 11.

F012014; Detalhe dos azulejos da fachada do Palacete Pinho em Belém (PA), 1991. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Processo de tombamento 1024-T-80; Cabeça de cavalo enfeitada. Festa tradicional (Cavalhadas). Pirenópolis (GO). Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Processo de tombamento. F105997; Renda de Divina Pastora, Sergipe, 2005. Foto de Francisco Moreira da Costa. Acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/ IPHAN.

p. 10 "Os refrescos da tarde no Largo do Palácio". Aquarela de Jean-Baptiste Debret. In: FERREZ, Gilberto. *A muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: quatro séculos de expansão e evolução*. Paris: M. Mouillot, 1965. p. 120.

p. 11 Rua do Cano (atual Rua Sete de Setembro), 1825. Aquarela de Charles Landseer. In: FERREZ, Gilberto. *A muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: quatro séculos de expansão e evolução*. Paris: M. Mouillot, 1965. p. 112.

p. 13 Vista da Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro (RJ). Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Processo de tombamento 878-T-73.

p. 14 "Rua no Mercado no Rio de Janeiro". Lápis e aguada de Eduard Hildebrandt. Staatliche Museen zu Berlin, Alemanha. In: BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1994. v. 3, p. 107.

p. 17 Casas à Rua do Pilar, Ouro Preto (MG). Foto de Erich Hess. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 219/ P. 0003/ env. 12. F14416.

p. 18 Vista de Recife (PE). Reprodução de documento iconográfico. Arquivo Central do IPHAN/

- Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 344/ P. 0001/ env. 17. F035805.
- p. 20 Página de rosto do livro *Rerum per octennium in Brasília et alibi nuper gestarum*, de Gaspar Barlaeus [1647]. In: MINDLIN, José. *Uma vida entre livros – reencontros com o tempo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 173; Capa do livro *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolpho Varnhagen [1876]. In: MINDLIN, op. cit., p. 55; Folha de rosto do livro *Essais de Michel Seigneur de Montaigne*, de Montaigne, 1588. In: MINDLIN, op. cit., p. 17; Folha de rosto do livro *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, 1844. In: MINDLIN, op. cit., p. 26; Torah Rolo IV: Levítico 14:-15:20. Manuscritos Ivriim. Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- p. 21 Retrato de menino. *Carte de visite*. Salvador [1882-1895]. Foto de Pedro Gonçalves da Silva. Arquivo Nacional. Coleção Fotografias Avulsas. 02/FOT355.1; Retrato de [dois] meninos. *Carte de visite*. Salvador [1867-1873]. Foto de Alberto Henschel & Cia. Arquivo Nacional. Coleção Fotografias Avulsas. 02/FOT428.1.
- p. 23 Carrinho de rolimã. Foto de Francisco Moreira da Costa. Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP).
- p. 25 Cestaria. Acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém (PA). Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 11F. F107767; Peixe em cestaria. Acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém (PA). Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Inventário. Cx. 11F. F107774; Barracos na floresta, Manaus (AM). "Brazil Manaus" produzido por Florence Arquin. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Slide S00229; Casa de índios Urumis. Foto de Tiúba, s/data. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Etnografia.
- p. 26 Fachada da Casa de Chico Mendes, Xapuri (AC), 2005. Foto de Maria Beatriz Rezende. Copedoc/ IPHAN.
- p. 28 ASSARÉ, Patativa do. *O meu livro*. Juazeiro do Norte: Universidade Regional do Cariri: Vozes: Lira Nordestina, [19--]. Xilogravura da capa por Abraão Batista. Cordelteca da Biblioteca Amadeu Amaral/ Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP); BORGES, José Francisco. *As bravuras de Cipriano e os Amores de Jacira*. [S.l.: s.n., 19--]. Xilogravura da capa por J. Borges. Cordelteca da Biblioteca Amadeu Amaral/ Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP); D'ALMEIDA FILHO, Manoel. *O violeiro e a cabocla*. São Paulo: Prelúdio, 1958. Desenho da capa por Edgard R. Cordelteca da Biblioteca Amadeu Amaral/ Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP); FERREIRA, José Cavalcanti e (Dila). *Lampião e Maria Bonita*. [S.l.: s.n., 19--]. Xilogravura da capa por Dila. Cordelteca da Biblioteca Amadeu Amaral/ Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP).
- p. 30 Cavaleiro em cerâmica, Caruaru (PE), 1951. Foto de Marcel Gautherot. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Etnografia, Cx. 2/ p.4/ env. 2. F39948.
- p. 31 Cena das Cavalhadas. Pirenópolis (GO). Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Processo de tombamento. F105986.
- p. 32 Menina japonesa com quiabo na mão, fev. 1956. Arquivo Nacional. Fundo Correio da Manhã. PH/FOT/4474(11)
- p. 34 Atrizes japonesas (Japanese concert girls). Vistas e costumes do Japão. B.W. Kilburn – Littleton. [Estados Unidos]: James M. Davis, 1901. Arquivo Nacional. Fundo privado. Affonso Pena Jr. 00/FOT. 31(4).
- p. 35 Bairro da Liberdade, São Paulo (SP). Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Slide. S03666.
- p. 37 Renda de Divina Pastora, Sergipe, 2005. Foto de Francisco Moreira da Costa. Acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/ IPHAN.
- p. 38 Tear manual. Diamantina (MG). Foto de Assis, 1962. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Etnografia. Técnicas de trabalho. A.1/ cx. 11/ pasta 1/ env. 19. F51997.
- p. 40 Congada. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Etnografia. Folclore. A.1/ cx. 7/ pasta 4/ env. 1. F49233 e F49232.
- p. 42 Acarajés. Cachoeira (BA), 2004. Foto de Francisco Moreira da Costa. Acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/ IPHAN.